

FORMAS NOMINAIS DE PRONOMES PESSOAIS DA LÍNGUA JAPONESA MODERNA

*Wataru Kikuchi*¹

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir as formas nominais de pronomes pessoais do japonês. Para tanto, a análise é baseada nos principais estudos que enfocam os aspectos etimológicos dos pronomes pessoais, partindo das contribuições de autores como Komatsu Hisao e Suzuki Hideo, entre outros teóricos.

Palavras-chave: língua japonesa; pronomes pessoais; forma nominal.

Abstract: This paper aims to discuss the nominal forms of Japanese personal pronouns. For that purpose, the approach is based on the essential studies that focusing the etymological aspects of the personal pronouns, starting from the contributions of authors such as Komatsu Hisao and Suzuki Hideo, among other theorists.

Keywords: japanese language; personal pronouns; nominal form.

1. Introdução

O presente trabalho tem como finalidade contribuir para a compreensão das formas nominais de pronomes pessoais da língua japonesa moderna.

Os pronomes pessoais fazem parte das chamadas *formas de tratamento*, que podem ser definidas como “palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se dirigir e/ou se referir à outra pessoa” (Silva, 2003: 170)², e entre seus tipos de classificação temos a forma nominal³ sendo composta por termos

1. Docente do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP. E-mail para contato: watarukikuchi@usp.br.

2. Na mesma linha, Robinson define as *formas de tratamento* como “aquilo de que uma pessoa chama a outra e o que isso significa” (1977: 116).

3. Outros tipos de formas de tratamento são pronominal e verbal, segundo Cintra (1986).

de parentesco, nome próprio e outras palavras que expressam a relação pessoal (Cintra, 1986: 12). No sentido empregado nesse artigo, essa relação pessoal inclui termos que designam cargos e profissões, como será explicada adiante.

O artigo será iniciado com uma breve retrospectiva dos pronomes pessoais do japonês, sendo que os mais antigos remontam à língua clássica. Alguns desses pronomes, usados no período clássico, sobreviveram aos dias de hoje, mas na sua maioria sofreram transformações de ordem semântica e pragmática.

Sem pretender ser enciclopédica, a finalidade da primeira seção é mostrar o processo de transformação pelo qual os pronomes pessoais passaram ao longo do tempo, resultando no quadro atual de restrições de uso, assunto da terceira seção. Os pronomes pessoais do japonês são conhecidos por apresentarem uma complexidade que advém da diversidade de formas e das regras de uso que são minuciosas, sendo um dos mais complexos de todas as línguas existentes (Miwa, 2010: 58). Pretende-se nessa seção, portanto, organizar essa diversidade e elucidar suas regras de impedimento.

Nesse contexto, as formas nominais apresentam a propriedade de serem empregadas como alternativas aos pronomes pessoais, evitando-se o emprego inadequado. Essas são, portanto, o assunto da quarta seção. Os exemplos que ilustram a exposição nessa seção foram extraídos de romances de autores consagrados da literatura japonesa contemporânea.

Por fim, será apresentado um quadro de pronomes pessoais do japonês, incluindo as *formas nominais* mais empregadas.

2. Pronomes pessoais: origem e uma breve visão diacrônica

É difícil estabelecer com precisão quando e como cada um dos pronomes pessoais do japonês se originou, pois a pesquisa é dependente de fontes documentais, o que limita o escopo dos estudos (Kojima, 1991: 176).

De qualquer forma, os estudos etimológicos e historiográficos dos pronomes indicam algumas tendências que podem ser aqui resumidas em três características principais.

Em primeiro lugar, há que se apontar para o número reduzido de pronomes pessoais no período Nara (710-794), primeira fase histórica que deixou registros para a posteridade, portanto, que pode ser estudada⁴, sendo escassa a quantida-

4. Suzuki e Hayashi listaram trinta e quatro pronomes encontrados nos registros do período, sendo cerca de dez aqueles claramente considerados pronomes pessoais (1972: 206-210).

de dos que sobreviveram aos dias atuais, que são três: *ore*, *kare* e *kimi* (Suzuki; Hayashi, 1972: 206-210)⁵.

Em segundo lugar, há o fato de que a maioria dos pronomes pessoais que conhecemos hoje era pronomes demonstrativos ou substantivos no passado, os quais foram convertidos para pronomes pessoais a fim de suprir a ausência ou para substituir outro em processo de depreciação.

Por exemplo, *anata* era usado como pronome demonstrativo desde o período Kamakura (1192-1333), passando a ser empregado como pronome pessoal a partir do período Muromachi (1333-1573), constituindo um exemplo emblemático da prática de se empregar os pronomes demonstrativos como pronomes pessoais (Kobayashi, 1970: 30). O pronome *kare*, anteriormente mencionado, também era um pronome demonstrativo que indicava tanto coisas quanto pessoas, homens e mulheres, e que passou a ser empregado exclusivamente no sentido de “ele” apenas no final do século XIX (Komatsu; Suzuki, 2011: 263)⁶.

Um exemplo da conversão de substantivo para o pronome seria o *kimi*, que no período Nara, referia-se aos membros da família imperial, passando a ser empregado posteriormente como pronome, principalmente pelas mulheres, referindo-se aos homens. No período Kamakura, *kimi* era usado para se referir ao superior hierárquico, tendo seu auge no final do período Edo (Komatsu; Suzuki, *ibid.*: 293)⁷. É sabido que, *kimi*, que a partir do período Meiji foi empregado para se referir ao interlocutor de hierarquia igual, atualmente, é usado para o inferior, de uso muito restrito (Kindaichi, 1981: 227).

Da mesma forma, o pronome *watakushi*, cujo primeiro registro é do período Heian (794-1192) e que passou a ser empregado intensamente no período Muromachi, era um substantivo com sentido de “privado”, contrapondo-se ao “público” (*kô / ôyake*), e foi posteriormente empregado como pronome, mas sempre na condição de expressão de modéstia⁸.

-
5. É possível incluir nessa lista o *wareware*, “nós”, que consiste em repetição de “*ware*”, “eu”, pronome este existente desde o período Nara, que caiu em desuso a partir do período Meiji (1868-1912).
 6. A rigor, é possível mencionar outro caso de conversão, que é de pessoa. Por exemplo, *ore* era usado como pronome de segunda pessoa no período Nara, passando a ser de primeira pessoa no período Muromachi. Na fase inicial do período Edo, *anata* era de terceira pessoa e aos poucos substituiu o *sonata*, de segunda pessoa, quando este perdeu o sentido de respeito (Kobayashi, 1970: 25).
 7. Outro exemplo de substantivo convertido para o pronome é *boku*, empregado a partir do período Meiji. Era um substantivo com sentido de “servo” ou “criado”, existente desde o período Heian (794-1192), que passou a ser usado inicialmente entre os estudiosos do confucionismo como pronome (Kobayashi, *op.cit.*: 29), popularizando-se gradativamente. Pioneiro no estudo desse assunto foi Sakuma Kanae, em *Gengo ni okeru suijunten`i (tokuni nihongoni okeru jindaimeishino hensenni tsuite)*, de 1937. Apud Suzuki, 1973: 142.
 8. Kerbrat-Orecchioni compreende a modéstia como não vangloriar-se, evitar autoelogios e, quando inevitável, incorporar procedimento minimizador ou reparador, como o uso de “um pouco”, “talvez” etc. (2006: 96). Na sociedade japonesa, a modéstia não se resume a isso e, muitas vezes, é necessário negar peremptoriamente a própria qualidade (por exemplo, a não ser na interação com os íntimos, agradecer a um elogio é considerado

A terceira tendência verificada nos pronomes pessoais do japonês é a depreciação pelo uso, ao longo do tempo, que pode ser exemplificada pelo próprio *kimi*. Outro exemplo similar é o *kisama*, considerado um pronome com alto grau de respeito na primeira metade do período Edo, que passou a ser considerado descortês e de grosseria já na segunda fase⁹ (Tsujimura, 1992: 306).

Outro exemplo emblemático dessa característica é o pronome *omae*. Trata-se de uma das primeiras formas de tratamento encontradas nos registros, designando o soberano (Tsujimura; Kawagishi, 1991: 203)¹⁰ Ao longo dos séculos seguintes, *omae* passou a designar os “plebeus”, e na primeira metade do período Muromachi, consta que, na região que atualmente compreende Osaka, Quioto e adjacências, esse termo expressava máximo grau de respeito, mas gradativamente perdeu esse caráter ao longo do período restante (Okuyama, 1973: 89). No período Edo, *omae* perdeu o sentido de respeito como consequência do uso intenso do próprio, assim como de seus derivados *omai*, *omaisan*, *omaesan*, *omê* etc. Na segunda metade do mesmo período, aos poucos, *omae* passou a ser usado para se referir a igual ou inferior do locutor. No final do século XIX, *omae* deixou de ser expressão de respeito definitivamente (Kojima, op.cit.. 198) e atualmente, ele é usado somente para se dirigir ao inferior hierárquico (Komatsu; Suzuki, op.cit.: 190).

É importante observar que o pronome *omae* era inicialmente um substantivo, ele é derivado de *mae*, “frente”, acrescido do prefixo *o*, de respeito. Segundo Tsujimura e Kawagishi, na antiguidade, expressava-se respeito ao soberano sem mencioná-lo diretamente ou evitando o emprego de termos que se referiam a ele. Eram empregados, então, circunlóquios, expressões que se referiam ao espaço do domínio do soberano, como no caso de *omae*, “frente”, ou à parte do palácio onde residia, como *mikado*, “portão” (1991: 206).

Por fim, já no período Meiji (1868-1912), surgiram outros pronomes como *atashi*, da variação fonética de *watashi* (Okuyama, 1973:32), e *kanojo*, até então inexistente na língua japonesa e que foi cunhado para traduzir o pronome *she* do inglês. O intuito era distinguir de *kare*, que podia significar tanto “ele” ou “ela”

sinal de soberba, uma vez que reconhecer a própria qualidade é visto como autopromoção), “rebaixar-se”, pelo menos no discurso. Dessa forma, a expressão de modéstia, uma das expressões de tratamento do japonês, evidencia no enunciado essa postura de humildade ou da formalidade do contexto da enunciação. Em detalhes, ver Suzuki (1995) e Nihongo Kijutsu Bunpô Kenkyûkai (2009). O sentido de modéstia do *watakushi* predomina nos dias de hoje, sendo mais empregado em situações que requerem maior formalidade, como numa cerimônia, no discurso político, no local de trabalho, certos meios em que se preservam os modos tradicionais, etc. O sufixo *tachi* também pode ser empregado para o plural de *watakushi*, resultando em *watakushitachi*, “nós”, e ainda há *watakushidomo*, expressão com maior grau de modéstia.

9. Um pronome semelhante é o *temae*, empregado desde o período Muromachi e que sofreu depreciação semelhante ao *kisama* no mesmo período, tornando-se *temê*. Ainda sobre o *kisama*, é necessário apontar para o emprego nos setores militares durante a Segunda Guerra Mundial, de superior para o inferior, e entre os soldados de igual patente, que expressa, no mínimo, solidariedade e coleguismo.

10. Extraído da obra *Nihonshoki*, “Crônicas do Japão”, concluída em 720.

(Watanabe, 1996: 121), e que, como já foi visto, acabou prevalecendo o primeiro sentido.

Como resultado desse processo histórico, o quadro atual de pronomes pessoais do japonês é complexo e apresenta diversas restrições de uso. Essa complexidade é o assunto do próximo tópico.

3. Diversidade e impedimentos de uso

Alguns fatores podem ser elencados como justificativas para o fato de os pronomes pessoais configurarem um dos assuntos difíceis para os aprendizes da língua japonesa (Miwa, *ibid.*). O principal motivo está, evidentemente, na sua diversidade de formas, como será verificada em seguida, mas não se pode deixar de observar que os livros didáticos, de um modo geral, dão pouca importância para essa classe de palavras, isto quando não passam informações discrepantes da realidade¹¹. Em segundo lugar, há que se considerar que, de um modo geral, os pronomes pessoais são apresentados de forma reduzida e simplificada. Para efeito de ilustração, uma rápida consulta nos principais dicionários português-japonês disponíveis no mercado brasileiro¹², portanto aqueles acessíveis aos aprendizes brasileiros, apresenta o seguinte resultado:

- Eu: *watashi, watakushi*
- Tu: *anata, omae, kimi*
- Ele: *kare, anohito*
- Nós: *watashitachi*
- Vós: *anatagata*
- Eles: não encontrado

É evidente que essa relação apresenta problemas, tanto de ordem quantitativa, ou seja, há vários pronomes importantes não mencionados, tanto de natureza qualitativa, por exemplo, não explica a diferença entre *watashi* e *watakushi*, inclui *anohito* que, a rigor, é uma locução que significa “aquela pessoa” e não propriamente um pronome. Tudo isso reflete as vicissitudes dos pronomes pessoais do japonês, como veremos adiante¹³.

11. Por exemplo, os livros do nível básico muitas vezes introduzem o uso de *anata*, “você”, num emprego incomum na realidade, sem se ater, ainda, aos problemas que serão expostos adiante.

12. Fontes: **Michaelis: Dicionário Prático Português-Japonês**. São Paulo: Melhoramentos e Aliança Cultural Brasil-Japão, 2000 e **Gendai Porutogarugo Jiten** (Dicionário do Português Contemporâneo), Tóquio: Hakuishia, 1996. Talvez por se tratar de plural de “ele”, nenhum dos dicionários traz o verbete “eles”

13. Os estudos de autores clássicos também não fogem à regra, tratando de poucos casos considerados como os pronomes pessoais propriamente ditos (Kikuchi, 2006:125).

Partindo dessa constatação, a primeira tarefa a ser realizada é, portanto, ampliar o quadro acima, incluindo os demais pronomes pessoais da língua japonesa moderna, que deve conter, minimamente, o seguinte¹⁴:

- Eu: *watashi*; *watakushi*; *atashi*; *boku*; *ore*
- Tu: *anata*; *omae*; *kimi*; *kisama*
- Ele: *kare*
- Ela: *kanojo*
- Nós: *watashitachi* e outros variantes de “eu”, com o uso do sufixo *tachi* e *ra* (*atashitachi* e *atashira*; *bokutachi* e *bokura*; *oretachi* e *orera*); *watakushidomo* e *wareware*
- Vós: os variantes de “tu”, com o uso do sufixo *tachi*, *ra* e *gata* (*anatatachi*; *omaetachi* e *omaera*; *kimitachi* e *kimira*; *anatagata*)
- Eles: *karera* e *karetachi*
- Elas: *kanojotachi*

Dessa relação, com exceção de *watashi* e *watakushi*, todos os demais pronomes apresentam restrições de uso, seja aquelas relacionadas com o locutor, com o interlocutor ou, ainda, sobre o referente¹⁵. Para o prosseguimento da discussão, seria importante, portanto, apresentar as restrições de uso desses pronomes que constituem, em última instância, em regras de uso para se adequar à norma culta da língua japonesa.

A exposição será feita seguindo as três pessoas do pronome, na ordem, iniciando-se pela primeira¹⁶, e devido à restrição de espaço, no formato esquemático. O locutor significa quem emprega o referido pronome, o interlocutor aquele com quem o locutor fala e o referente aquele que é mencionado na terceira pessoa.

14. São excluídos da presente análise os casos dialetais, como por exemplo, *watchi* e *uchi* (“eu”), aqueles tidos como antiquados e, portanto, em desuso, como *anatasama* (“V. Sra.”) e *oira* (“eu”), e os pronomes essencialmente demonstrativos, como *kochira*. A seleção dos pronomes da relação acima se baseia principalmente em Suzuki e Hayashi, 1972, p.206-210.

15. Mesmo assim, é necessário mencionar que em certos meios e em certas circunstâncias de interação, o emprego desses pronomes pode aparentar formalismo inadequado, por exemplo, em grupos sociais em que prevalece o uso de *ore*.

16. Entre várias definições de pessoas existentes, seguiremos a de Nebrija: primeira pessoa, “que fala de si”, a segunda pessoa, “com a qual a primeira fala”, e a terceira pessoa, “da qual fala a primeira” (apud Castilho, 2010: 473).

3.1. Primeira pessoa

3.1.1. *Atashi*

Locutor: feminino, exclusivamente.

Interlocutor: esse pronome deve ser evitado na interação com o interlocutor superior, pois confere tom informal e pode passar a imagem de imaturidade, quando usado por um adulto¹⁷

3.1.2. *Boku*

Locutor: masculino, no uso padrão.

Interlocutor: o uso de *boku* deve ser evitado na relação profissional e em outros ambientes que requerem formalidade. Esse pronome é relacionado com a fala infanto-juvenil, pois, na atualidade, os meninos japoneses são educados a usarem esse pronome até se tornarem adultos, quando passam a usar, de acordo com a ocasião, *watashi*¹⁸. Quando empregado por um adulto, *boku* é considerado expressão de modéstia ou de estilo pessoal, no sentido de se pretender dispensar a formalidade, ressaltar a intimidade com o interlocutor, marcar maior aproximação¹⁹, etc.

3.1.3. *Ore*

Locutor: masculino, no uso padrão.

Interlocutor: *ore* não deve ser usado com interlocutor superior, pois, na atualidade, expressa certa presunção, prepotência ou até arrogância no sentido de se destacar o poder, a força física, a masculinidade etc.²⁰

17. Numa pesquisa realizada pelo Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo (Centro Nacional de Pesquisas de Língua Vernacular) com 1285 alunos e 1171 alunas do segundo ciclo do ensino fundamental do Distrito de Tóquio, no biênio 1989-1990, 73,4% das alunas responderam que empregam *watashi* na interação com colegas íntimas e 69,6% responderam empregarem *atashi*, demonstrando alta incidência de emprego desse pronome entre as estudantes juvenis. Em detalhes, cf. Ozaki, 2004.

18. No relatório intitulado *Korekarano Keigo* (“As expressões de tratamento a partir de agora”), de 1952, o *Kokugo Shingikai* (Comissão de Língua Vernacular) considerou que o uso de *boku* é próprio dos estudantes e sugeriu que eles fossem educados a empregarem *watashi* quando adultos. Em outro trecho, o relatório considera que *boku* forma par com *kimi*, sendo estes de uso restrito na relação de intimidade, e que devem ser substituídos por *watashi* e *anata* no uso padrão (apud Suzuki, 1973: 143).

19. Na mesma pesquisa do Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo (cf. nota 17), 47,1% dos alunos responderam que empregam *boku* na interação com colegas íntimos e apenas 4,8% responderam que usam *watashi*. Curioso é que 2,9% das alunas responderam que empregam *boku* também, mostrando que o uso de *boku* não é 100% masculino, embora possa constatar que esse emprego seja minoritário.

20. Entretanto, entre os jovens, o uso de *ore* é constante, formando par com *omae*, e expressa intimidade e sentimento de pertencimento ao grupo. Na pesquisa do Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo (cf. nota 17), 91% dos alunos e 3,2% das alunas responderam que empregam *ore* na conversa com colegas íntimos.

3.2. Segunda pessoa

3.2.1. *Anata*

Locutor: não pode ser empregado por crianças ou aquele que está na posição inferior na relação.

Interlocutor: o uso de *anata* é vedado quando se dirige ao superior, aos familiares e parentes, ou a quem se conhece o nome ou o cargo²¹. A única exceção a essa regra é quando a esposa o emprega dirigindo-se ao esposo²².

3.2.2. *Kimi*

Locutor: esse pronome não pode ser empregado por crianças ou aquele que está na posição inferior na relação. Seu uso é predominantemente masculino.

Interlocutor: o uso de *kimi* é vedado quando se dirige ao superior e aos familiares e parentes. Empregar esse pronome dirigindo-se ao superior é considerado ofensivo.

3.2.3. *Omae*

Locutor: de emprego predominantemente masculino, *omae* não pode ser usado por aquele que está na posição inferior na relação.

Interlocutor: vedado o seu uso dirigindo-se ao superior, aos familiares e parentes mais velhos²³.

3.2.4. *Kisama*

Locutor: masculino, exclusivamente.

Interlocutor: atualmente, *kisama* é considerado depreciativo mesmo entre os íntimos, e é empregado para injuriar, provocar brigas, etc., como termo pejorativo.

21. Quando não se conhece o nome, o cargo ou a profissão do interlocutor, isto é, no primeiro contato, deve se evitar ao máximo o emprego dos pronomes de segunda pessoa. Quando inevitável, os japoneses (homens e adultos) têm optado por *otaku*, literalmente “sua casa” ou “seu lar”, empregado no sentido de *tu* ou *você* (Kindaichi, 1981: 227).

22. Vale registrar a variação de *anata* que é *anta*, de caráter informal ou de intimidade, usada nesse tipo de relação. Mas deve tomar cuidado ao empregar *anta*, pois, em outros contextos, o emprego pode ser deselegante. Por exemplo, empregá-lo a um superior constitui uma ofensa.

23. *Omae* pode ser empregado como expressão de intimidade, destacando-se o uso entre os jovens (Tsujiura, 1992: 305).

3.3. Terceira pessoa²⁴

3.3.1. *Kare*

Locutor: emprego desse pronome por parte do locutor que é inferior ao referente pode passar a impressão de desprezo, falta de respeito, etc.

Referente: não se emprega o *kare* referindo-se a superiores e familiares ou parentes, independentemente da idade²⁵

3.3.2. *Kanojo*

Locutor: idem *kare*.

Referente: idem *kare*²⁶.

3.4. Pronomes com sufixos *ra*, *tachi* e *gata*

Conforme elencados no início do tópico, os pronomes no plural são indicados pelo acréscimo de sufixos *ra*, *tachi* e *gata*, como em *bokura*, *bokutachi* (“nós”) e *anagata* (“vós”)²⁷ Nesses casos, a regra de uso é aquela do pronome original, ou seja, por exemplo, no caso de *bokura*, seria de *boku*, uso essencialmente masculino num ambiente informal, etc., sendo ela também válida para congêneres como *atashitachi* ou *atashira*, *omaetachi* e *omaera*, etc.

O sufixo *gata*, por sua vez, confere a ideia de respeito, portanto, é um afixo que forma o honorífico. Nesse sentido, não possui restrição de uso, embora em certas circunstâncias possa conferir um tom pedante à fala.

Após essa sistematização sucinta das restrições de uso dos pronomes pessoais, constata-se que a regra é complexa, sendo que os casos mais críticos sejam, talvez, os pronomes de terceira pessoa *kare* e *kanojo*, que são únicos, e que apresentam limitações consideráveis. Antecipando a conclusão do presente estudo, são justamente as formas nominais que ocupam esse vácuo deixado pelo

24. Nessa classificação, poderia ser incluído também o pronome *aitsu*, significando literalmente “aquela pessoa”, mas não será tratado por considerar que, essencialmente, é um pronome demonstrativo que faz parte do sistema *ko-so-a-do*, ao lado de *koitsu*, “esta pessoa”, *soitsu*, “essa pessoa”, e *doitsu*, “qual pessoa”. Cf. Sakuma, 1966.

25. O pronome *kare* possui ainda o sentido de *namorado*, principalmente na forma *kareshi*, sendo talvez este um motivo a mais para evitar o seu uso como pronome.

26. Seria oportuno acrescentar que *kanojo*, assim como *kare*, é amplamente empregado nas narrativas, como romances e outros gêneros literários. Ainda, *kanojo* pode também significar *namorada* e, no seu lugar, dá-se preferência pelas formas nominais, como será visto adiante.

27. Ainda, há o *wareware*, que constitui um caso a parte. Cf. nota 5.

impedimento dos pronomes pessoais propriamente ditos, sendo essas o assunto do próprio tópico.

4. *Formas nominais de pronomes da língua japonesa*

Suzuki Takao (1968) foi um dos primeiros autores a apontar para a maior predominância de formas nominais do que os pronomes propriamente ditos, no quadro de pronomes pessoais do japonês²⁸. Dentre as *formas nominais*, Suzuki destacou maior emprego das palavras que expressam as relações de parentesco, institucional, profissional e corporativo, com suas vicissitudes que se referem às variáveis como posição social, hierarquia e idade.

Partindo da contribuição desse autor, que será retomada em detalhes adiante, o presente trabalho classifica as *formas nominais* de pronomes da língua japonesa em cinco tipos²⁹: nome próprio; nome de cargo ou posição hierárquica institucional; nome de profissão; honorífico, papel situacional ou transitório; e por fim, nomes de parentesco.

4.1. Nome próprio

Como foram discutidos na seção anterior, os pronomes pessoais do japonês apresentam uma série de restrições e uma das alternativas é empregar o nome próprio, principalmente nas relações que não sejam profissionais.

Para o referente inferior familiar e íntimo, emprega-se o prenome (nome de batismo) simplesmente (ex.: Yoshiko, Makoto). A estes podem vir ligados alguns sufixos que expressam carinho, afeição ou intimidade (ex.: Yoshikochan, Makotokun).

No ambiente de trabalho e situações formais, para os referentes desprovidos de cargo ou numa relação que dispensa expressões de tratamento, emprega-se o sobrenome quando inferiores, e o sobrenome com sufixos de tratamento, nos de-

28. Esse autor empregava o termo *ninshôdaimeishi*, “pronomes pessoais”, incluindo tanto pronomes quanto substantivos nessa classe.

29. Silva considera *formas nominais* “constituídas por nomes próprios, nomes de parentesco, nomes de funções (como professor, doutor, etc.) sempre empregados no eixo subjetivo, indicando a pessoa *com* quem se fala” (2003: 170), portanto, faz uma definição mais restrita. Kinsui, por sua vez, elaborou uma classificação de *formas nominais* restrita ao uso vocativo (1989:100). Sem discordar desses autores, o presente trabalho pretende apresentar um quadro mais amplo, que inclui o emprego na terceira pessoa, o que Silva denomina *formas referenciais* (ibid.).

mais casos: Yamada, Yamadasan, Yamadasama³⁰ Eventualmente, o apelido pode ser empregado no lugar de nomes: Yamachan.

Ainda, é possível encontrar alguns casos de emprego do prenome na primeira pessoa. Para ilustrar, um exemplo disso pode ser encontrado no trecho a seguir, no romance de Inoue Yasushi, quando a filha Shoko relata, numa carta, as circunstâncias do suicídio da mãe, Saiko³¹ Note que ela se refere a si pelo nome Shôko, sem empregar “eu”³²:

(...) *Kâsanwa Shôkowo oyobininatte, bunrakuno oningyônoyôni
myôni subesubeshita okaowo nasatte osshattanodeshita.
“Kâsanwa ima dokuwo nomimashita. Tsukaretano, mô ikiteikunoni,
tsukaretano.”*³³

Minha mãe chamou a Shôko e, com a face estranhamente lisa como a de um boneco de *bunraku*, disse:
– A mãe acabou de tomar veneno. Cansei, estou cansada de viver.

Outros exemplos podem ser elencados, entretanto, faltam dados para fazer generalizações sobre o uso do nome na primeira pessoa, sobretudo quanto à sua amplitude de uso na população como um todo³⁴.

4.2. Nome de cargo ou posição hierárquica institucional

Os nomes de cargos dentro de uma empresa ou organização são empregados para se referir a superiores, e também com frequência indicando os inferiores para manter a formalidade adequada no contexto profissional. Os cargos comuns são: *shachô* (presidente); *buchô* (gerente, chefe de departamento); *kachô* (supervisor, chefe de seção); *kakarichô*, *shunin*, *shokuchô*, *hanchô*, *riidâ* etc (chefe de equipe,

30. O sufixo *sama* além de ser mais respeitoso, confere formalidade no tratamento dispensado, no caso, para Yamada.

31. A tradução livre, que segue a reprodução do trecho, é nossa, assim como as demais traduções do texto.

32. A rigor, o pronome correspondente no português seria “me”, e o trecho seria “minha mãe me chamou...” Como não há distinção do pronome pessoal do caso reto e do caso oblíquo no japonês, o pronome seria o mesmo, “*watashi*”, se tivesse sido usado.

33. Extraído de INOUE, Yasushi. Ryôju. In: **Ryôjû Tôgyû** (Fuzil de caça / Tourada). Tóquio: Shincho Bunko, 1950. p. 7-68. O trecho em questão se encontra na p. 27.

34. Apenas para ilustrar, segundo a pesquisa do KKK (cf. nota 17), nada mais do que 18% das alunas empregam o próprio nome, superando as formas tradicionais como *watakushi* (2,8%) e *atakushi* (1,7%). A mesma pesquisa mostra que somente 1,5% dos alunos fazem o uso similar, sugerindo que essa prática é quase de exclusividade feminina.

de setor). Fazem parte também os cargos públicos, como *sôri* (primeiro ministro); *daijin* (ministro), *chiji* (governador da província), *shichô* e *chôchô* (prefeito)³⁵

Também fazem parte deste grupo os patentes de militares³⁶, bombeiros, escoteiros etc.

As posições hierárquicas institucionais, por seu turno, são aquelas estabelecidas de forma transitória, sem que se tenha o caráter permanente de um cargo. São, por exemplo, *gichô* (presidente da mesa, da assembleia etc.), *iinchô* (presidente da comissão), *riidâ* (“líder” de uma atividade coletiva, gincana etc.).

No trecho abaixo, verifica-se um exemplo do emprego de cargo na terceira pessoa, referindo-se ao presidente da firma:

*Yokujitsu Kiyokowa kaishae derunowo yamete, jûjini narunowo machikanete
Kosugino kaishae denwawo kaketemita. Yosôshitakotodewa attaga, Kosugiwa
kaishaewa deteinakatta.*

*“Shachôwa ryokôchûdesu. Ikisakidesuka. Zenzen watashitachinimo
wakatteorimasen.”*

*Hishokanga jimutekini itta.*³⁷

No dia seguinte, Kiyoko desistiu de ir à empresa, e por não conseguir esperar até às dez horas, resolveu telefonar para a empresa do Kosugi. Embora fosse previsível, Kosugi não tinha ido à empresa.

– O presidente está viajando. O destino? Nós também desconhecemos completamente.

O assessor disse burocraticamente.

Como foi explicado anteriormente, não cabe empregar nesse contexto o pronome *kare*, “ele” se referindo ao presidente.

4.3. Nome de profissão

Alguns nomes de profissão podem ser empregados pronominalmente, normalmente com a coadjuvação do sufixo *san*³⁸. São os principais: *untenshusan* (“Sr. motorista”), *yaoyasan* (“Sr. verdureiro”), *sakanayasan* (“Sr. peixeiro”), *denkiyasan*

35. Aos políticos, de um modo geral, emprega-se *sensei*. Ver item 4.4.

36. A rigor, esses patentes designam a hierarquia dentro da “Tropa de Defesa”, uma vez que constitucionalmente, o Japão não possui força militar.

37. Extraído de INOUE, Yasushi. **Aru Rakujitsu** (Um pôr do sol). Tóquio: Kadokawashoten, 1989, p. 198.

38. Celso Cunha e Luís F. L. Cintra apresentam o uso de títulos profissionais como tratamento de segunda pessoa, acompanhados ou não de “senhor” ou “senhora”, comum em Portugal, como “senhor doutor” e “senhor

(“Sr. eletricista ou comerciante de eletrodomésticos”), *daikusan* (“Sr. carpinteiro”), *sakan'yasan* (“Sr. pintor”) e *uekiyasan* (“Sr. jardineiro”)³⁹ Há ainda o caso de *omawarisan* (“seu guarda”), embora a profissão em si seja *keisatsukan* (policial).

Nos casos de *oishasan* (“Sr. médico”), *haishasan* (“Sr. dentista”) e *bengoshisan* (“Sr. advogado”), são usados na terceira pessoa, e, na segunda, quando se dirige a esses profissionais, emprega-se *sensei*, que seria o equivalente ao “doutor” do português⁴⁰.

Um exemplo de emprego do nome de profissão com sufixo *san* pode ser verificado no seguinte trecho da obra de Inoue em que, numa briga, Kiyoko reage a Kosugi, afirmando que o motorista pode ouvir a discussão dos dois:

*Kosugino koega ôkikattanode, Kiyokowa tamarikanete,
“sonnani okoranaidekudasai. Untenshusanni kikoemasuwa”
to itta⁴¹*

Como Kosugi elevou a voz, Kiyoko não resistiu e disse:
– Não fique tão bravo assim. O Sr. motorista pode ouvir.

4.4. Honorífico, papel situacional ou transitório

Como são sobejamente conhecidos, os honoríficos são termos que expressam o respeito do locutor em relação ao referente. O caso emblemático é o *sensei* que, além de professor, é empregado para médico, dentista, advogado, político⁴², artista, jogador profissional de *go* e *shôgi* etc., tanto na segunda quanto na terceira pessoa. Ainda, há os casos que significam “mestre”, usados na terceira pessoa: nas artes tradicionais, temos *shishô* (mestre de ikebana, *sadô* (cerimônia do chá), *buyô* (dança tradicional japonesa) etc), e *shihan* para artes marciais, como caratê, judô e *kendô*. Nesses últimos casos, na segunda pessoa, deve ser empregado *sensei*. Destaca-se também o *senpai*, usado para se referir àqueles que ingressaram antes do locutor na escola e faculdade, na empresa, no ramo profissional, no hobby

engenheiro” ou simplesmente “engenheiro” (1985: 285), fazendo constatar que isso não é exclusividade da língua japonesa.

39. Para Suzuki, praticamente todos os nomes de profissão podem ser empregados como pronomes (1973: 133), mas Kindaichi chama atenção para restrições como *kokkaigiin* (deputado do Parlamento Nacional), *puroyakyûsenshu* (jogador profissional de baseball), *daigakukyôju* (professor universitário) e *geinôjin* (artistas de TV) (2003:71).

40. Cf. item seguinte, 4.4.

41. Extraído de Inoue, 1989, p. 331.

42. Nesse aspecto, é semelhante ao “doutor”, empregado tanto no Brasil quanto em Portugal (Cunha & Cintra, 1985: 285).

predileto, enfim, em todas as esferas da vida, significando “veterano de aprendiz” “veterano na carreira”, “veterano na arte”, “veterano na vida” etc.

Como exemplo de papel situacional ou transitório, destaca-se *okyakusan* ou *okyakusama*, “Sr. cliente”, *kanjasan*, “Sr. paciente”, também empregados na segunda e terceira pessoa, e *seitosan*, “Sr. aluno”, empregado na terceira pessoa.

No trecho seguinte, num romance de Atoda, a personagem Atsuko pede informações para a diretora da escola sobre uma antiga aluna, Omori Eiko:

*“Hai...inchôsenseiwa nanika gokiokuga oarideshōka. Omori Eikosanwa tashika boshikateide, Eikosanwo kochirano ryōe oazukeninattanowa, okāsanno gobyōkiga riyūdattatoka”*⁴³

– Sim...será que a doutora diretora lembraria de algo? Parece que Omori Eiko só tinha a mãe como familiar e o motivo de ela ter sido mandada para o alojamento daqui foi a doença da mãe dela.”

Note-se que Atsuko emprega o termo “doutora diretora” em vez de pronomes como “senhora” ou “você”

4.5. Nome de parentesco

O traço marcante de nomes de parentesco da língua japonesa é sua profusão de termos, ou seja, distingue-se, por exemplo, irmão mais velho e mais novo⁴⁴ Além do mais, a língua japonesa caracteriza-se por possuir diferentes termos para os parentes do locutor e para os do interlocutor e de terceiros, sendo possível fazer uma sistematização definida, como indica o quadro a seguir:

43. Extraído de ATODA, Takashi. **Vno Higeki** (Tragédia de “V”). Tóquio: Kodansha, 1992, p. 222.

44. Isso não é exclusividade da língua japonesa, podendo ser verificado em outras línguas asiáticas, como chinês e mongol, línguas estas usadas em sociedades de grandes famílias (Kindaichi, 1957: 149). A sociedade chinesa privilegia a geração, possuindo termos para designar vários ancestrais, e a mongol apresenta uma complexa distinção de parentesco, por exemplo, há denominações distintas para o (a) primo (a): quando este (a) é filho (a) dos irmãos do pai; quando este (a) é filho (a) das irmãs do pai ou dos irmãos da mãe; quando este (a) é filho (a) das irmãs da mãe. (Kindaichi, op.cit., 150).

feminino		masculino	
parentes de outrem	parentes do locutor		parentes de outrem
<i>obâsan</i> (“sua avó” ou de terceiros)	<i>sobo</i> (“minha avó”)	<i>sofu</i> (“meu avô”)	<i>ojiisan</i> (“seu avô” ou de terceiros)
<i>okâsan</i> (“sua mãe” ou de terceiros)	<i>haha</i> (“minha mãe”)	<i>chichi</i> (“meu pai”)	<i>otôsan</i> (“seu pai” ou de terceiros)
<i>obasan</i> (“sua tia” ou de terceiros)	<i>oba</i> (“minha tia”)	<i>oji</i> (“meu tio”)	<i>ojisan</i> (“seu tio” ou de terceiros)
<i>onêsan</i> (“sua irmã mais velha” ou de terceiros)	<i>ane</i> (“minha irmã mais velha”)	<i>ani</i> (“meu irmão mais velho”)	<i>oniisan</i> (“seu irmão mais velho” ou de terceiros)
<i>imôtosan</i> (“sua irmã mais nova” ou de terceiros)	<i>imôto</i> (“minha irmã mais nova”)	<i>otôto</i> (“meu irmão mais novo”)	<i>otôtosan</i> (“seu irmão mais novo” ou de terceiros)
<i>musumesan</i> (“sua filha” ou de terceiros)	<i>musume</i> (“minha filha”)	<i>musuko</i> (“meu filho”)	<i>musukosan</i> (“seu filho” ou de terceiros)
<i>meigosan</i> (“sua sobrinha” ou de terceiros)	<i>mei</i> (“minha sobrinha”)	<i>oi</i> (“meu sobrinho”)	<i>oigosan</i> (“seu sobrinho” ou de terceiros)
<i>okusan</i> (“sua esposa” ou de terceiros)	<i>kanai</i> (“minha esposa”)	<i>shujin</i> (“meu marido”)	<i>goshujin</i> (“seu marido” ou de terceiros)
<i>itokosan</i> (“sua prima” ou de terceiros)	<i>itoko</i> (“minha prima”)	<i>itoko</i> (“meu primo”)	<i>itokosan</i> (“seu primo” ou de terceiros)

Todos esses nomes de parentesco são usados para substituir os pronomes nos casos de impedimento, conforme visto anteriormente.

Por exemplo, no trecho do romance anteriormente citado, o personagem Oda Hisao visita a personagem Atsuko com o intuito de obter informações sobre um antigo colaborador do pai dela, que se suicidou. Primeira fala é de Oda e a segunda de Atsuko, e “sobre isso” se refere ao suicídio:

“*Sonokotoni tsuite otôsamaga nanika osshatteinakattakato, sorewo otazuneshita-
kute*”

“*Iie, nanimo kiitemasen. Chichiwa kaishanokotowa hotondo
hanasanaihôdeshitakara*”⁴⁵

- Gostaria de perguntar se seu pai não disse nada sobre isso.
– Não, não ouvi nada. Meu pai praticamente não dizia nada sobre a empresa.

Verifica-se, nesse trecho, o emprego do sufixo *sama*, mais respeitoso que *san*, referindo-se ao pai da Atsuko (*otôsama*) na fala de Oda, ao qual Atsuko responde empregando *chichi*, termo de parentesco da própria família, em vez de *kare*, “ele”

É significativo também o emprego dos termos da coluna “parentes de outrem” no uso interno, referindo-se a parentes mais velhos do que o locutor. Por exemplo, entre os familiares, refere-se ou dirige-se ao avô usando *ojiisan* e seus variantes⁴⁶; é incomum referir-se ou dirigir-se ao irmão mais velho usando o prenome, empregam-se *oniisan* e seus variantes⁴⁷. Tudo isso expressa respeito aos mais velhos dentro da família.

No diálogo abaixo, extraído do já citado romance de Inoue, o personagem Hiroyuki comunica ao pai a morte do irmão Keisuke, tido como rebelde:

“*Otôsanwa niisanga kawaiôdewanaidesuka.*”
“*Kawaiôdatomo, ano orokasaga kawaiôja.*”⁴⁸

- O pai não tem pena do meu irmão mais velho?
– Claro que tenho, tenho pena da tolice dele.

Verifica-se que, nesse diálogo, o termo de parentesco *otôsan* é empregado na segunda pessoa, pelo filho que se dirige ao pai. Também merece destaque o uso de *niisan*, referindo-se ao irmão mais velho, onde não cabe *kare* (ele), conforme visto anteriormente.

Um caso especial a ser ressaltado é que no japonês, quando o interlocutor é um familiar ou parente mais novo, quando o locutor se refere a si próprio, o nome de parentesco substitui, muitas vezes, o pronome *eu*. Por exemplo, se meu

45. Extraído de Atoda, op.cit., p. 150.

46. Por exemplo, *ojiichan, jitchan, jii*, expressando carinho e afeto.

47. Por exemplo, *oniichan, niichan* e *aniki*, que expressam afeto e intimidade.

48. INOUE, Yasushi. Hirano Shakunage. In: **Ryôjû Tôgyû** (Fuzil de caça / Tourada). Tóquio: Shincho Bunko, 1950. p. 147-188. O trecho foi extraído da p. 170.

interlocutor é sobrinho, sou *ojisan* (“tio”); se estou conversando com meu filho, sou *otôsan* (“pai”).

Um exemplo do emprego de termo de parentesco na primeira pessoa é o trecho já mencionado, onde a filha Shoko relata, numa carta, as circunstâncias do suicídio da mãe, Saiko:

(...) *Kâsanwa Shôkowo oyobininatte, bunrakuno oningyônyouni
myôni subesubeshita okaowo nasatte osshattanodeshita.*
“*Kâsanwa ima dokuwo nomimashita. Tsukaretano, mô ikiteikunoni,
tsukaretano.*”⁴⁹

Minha mãe chamou a Shoko e, com a face estranhamente lisa como a de um
boneco de Bunraku, disse-me:
-A mãe acabou de tomar veneno. Cansei, estou cansada de viver.

Verifica-se que, nesse exemplo, o termo *kâsan* substitui *watashi* evidenciando a relação de parentesco com o interlocutor, no caso, a filha Shoko. Na narrativa, isso tem como efeito aumentar a dramaticidade do apelo emocional da mãe em relação à filha.

Nesse sentido, é ilustrativo o caso de um informante apresentado por Suzuki (1973: 149), um professor do ensino fundamental de quarenta anos, que no cotidiano emprega sete formas distintas de expressar “eu” de acordo com o interlocutor, sendo apenas três os pronomes pessoais propriamente ditos:⁵⁰

interlocutor	autodesignativo ⁵⁰ empregado
diretor da escola	<i>watakushi</i> , “eu”
pai	<i>boku</i> , “eu”
irmão mais velho	
colega de trabalho	
esposa	<i>ore</i> , “eu”
irmão mais novo	<i>niisan</i> , “irmão mais velho”
filho	<i>otôsan</i> , “pai”
alunos	<i>sensei</i> , “professor”
filho do vizinho	<i>ojisan</i> , “tio”

49. Cf. nota 32.

50 Tradução de **jishôshi**, empregado por Suzuki, inclui tanto os pronomes quanto as formas nominais.

O que chama atenção é o emprego de termos que designam papéis sociais, sejam fixos ou circunstanciais, determinados conforme o ponto de vista do interlocutor: para o irmão mais novo, ele é o “irmão mais velho”; para o filho, ele é o “pai”; para os alunos, ele é o “professor”; para o filho do vizinho, ele é o “tio”⁵¹. Assim, Suzuki afirma que os japoneses empregam os pronomes para se referir a si na interação com o interlocutor superior, e na interação com o interlocutor inferior, os termos que designam o papel social que o locutor desempenha, do ponto de vista desse interlocutor (1973: 153)⁵².

5. Quadro completo de pronomes pessoais e formas nominais

Considerando-se o exposto, é possível elaborar um quadro completo dos pronomes pessoais da língua japonesa e as formas nominais, que podem assim ser sistematizados:

Port.	Japonês	Locutor	Características e/ou exemplos
Eu	<i>watashi</i>	♀ ♂	neutro
	<i>watakushi</i>	♀ ♂	modéstia / formal
	<i>boku</i>	♂ (♀)	uso infanto-juvenil; usado por um adulto, expressa modéstia
	<i>atashi</i>	♀	informal / expressão de intimidade
	<i>ore</i>	♂(♀)	informal / uso corrente entre os íntimos; pode ser deselegante em certos meios
	n. de parentesco	♀ ♂	usado para interlocutor da família, mais jovem
	cargo	♀ ♂	usado nas empresas, governo, setores militares

51. Nesse quesito, convém apontar para o fato de que na comunidade japonesa do Brasil, principalmente nas feiras e estabelecimentos comerciais, é comum o emprego de *obasan* e *ojisan* para se referir aos clientes. Mas isso deve ser evitado, no Japão, é comum esse emprego na primeira pessoa, mas não na segunda. Esse incômodo talvez seja semelhante ao que os brasileiros sentem quando são tratados de “tio” ou “tia”. O emprego de *ojisan* para se referir a um desconhecido parece ocorrer também em algumas regiões do Japão, mas quando usado no Brasil por um descendente causa profunda irritação nos japoneses, como afirma Nomoto (1978: 141).

52. Nota-se que, no que se refere ao emprego dos pronomes pessoais, esse professor usa expressão de modéstia e formalidade quando o interlocutor é diretor, superior dele no trabalho (*watakushi*), expressão de modéstia com nuance de intimidade quando o interlocutor é membro mais velho da família ou colega de trabalho (*boku*), e expressão de intimidade, mas que pode conotar superioridade, quando na interação com a esposa (*ore*).

Tu (Você)	sobrenome nome+ <i>san</i>	♀ ♂	ex.: Tanaka- <i>san</i> ; Paulo- <i>san</i>
	cargo ou honorífico	♀ ♂	ex.: <i>kachô</i> (supervisor, chefe da seção); <i>sensei</i> (professor (a))
	n. de parentesco	♀ ♂	usado para interlocutor da família, mais velho
	<i>anata</i>	♀ ♂	referente: igual ou inferior; superior (marido)
	<i>kimi</i>	♂(♀)	referente: inferior não familiar
	<i>omae</i>	♂(♀)	referente: inferior ou íntimo; pode ser deselegante e ofensivo em certos meios
	<i>kisama</i>	♂	depreciativo
Ele	sobrenome nome+ <i>san</i>	♀ ♂	ex.: Silva- <i>san</i> ; Hayashi- <i>san</i>
	cargo ou honorífico	♀ ♂	ex.: <i>shachô</i> (presidente); <i>sensei</i> (professor; doutor)
	n. de parentesco	♀ ♂	usado para referente da família, mais velho
	<i>kare</i>	♀ ♂	referente: íntimo ou inferior não familiar
Ela	sobrenome / nome+ <i>san</i>	♀ ♂	ex.: Yamada- <i>san</i> ; Marta- <i>san</i>
	cargo ou honorífico	♀ ♂	ex.: <i>hanchô</i> (chefe do grupo); <i>sensei</i> (professora; doutora)
	n. de parentesco	♀ ♂	usado para referente da família, mais velha
	<i>kanojo</i>	♀ ♂	referente: íntima ou inferior não familiar
Nós	<i>watashitachi</i>	♀ ♂	neutro
	<i>watakushidomo</i>	♀ ♂	modéstia / formal
	<i>wareware</i>	♀ ♂	formal, usado em comunicado, declaração etc.
	<i>bokutachi</i> <i>bokura</i>	♂	uso infante-juvenil; quando usado por um adulto, é informal (modéstia)
	<i>atashitachi</i>	♀	uso corrente entre os íntimos/ informal
	<i>orera</i> <i>oretachi</i>	♂	informal / uso corrente entre os íntimos (deselegante em certos meios)
	Vós (Vocês)	<i>anatatachi</i>	♀ ♂
<i>anatagata</i>		♀ ♂	formal
<i>kimitachi</i>		(♀) ♂	referente: inferior
<i>omaera</i> / <i>omaetachi</i>		(♀) ♂	referente: inferior ou íntimo (deselegante em certos meios)
Eles		sobrenome nome+ <i>san</i> + <i>tachi</i>	♀ ♂
	<i>karera</i> <i>karetachi</i>	♀ ♂	referente: íntimo ou inferior

Elas	Sobrenome / nome+ <i>san</i> + <i>tachi</i>	♀ ♂	ex.: Yamada- <i>san-tachi</i> ; Marta- <i>san-tachi</i>
	<i>kanojotachi</i>	♀ ♂	referente: íntima ou inferior

Verifica-se, dessa forma, que o emprego dos pronomes pessoais da língua japonesa apresenta variações que têm como princípio a idade, a hierarquia social e o sexo dos referentes ou interlocutores, assim como os fatores formalidade, informalidade e intimidade.

Conclusão

Conforme exposto ao longo do texto, na sua maioria, os pronomes pessoais da língua japonesa moderna têm origem em substantivos ou pronomes demonstrativos, que foram convertidos em pronomes pessoais até se consolidarem como tais.

No caso dos pronomes de primeira pessoa, aqueles que eram considerados de modéstia perderam esse caráter e o seu emprego tornou-se inconveniente na interação com os superiores ou estranhos.

Curiosamente, também ocorreu um processo de depreciação no que se refere aos pronomes de segunda pessoa, em que aqueles considerados de respeito passaram a ser inconvenientes e até ofensivos, verificado em *kisama*, por exemplo.

Nas *formas de tratamento* de terceira pessoa, os pronomes pessoais apresentam restrições tais que não fazem parte do registro formal, sendo praticamente inviável empregá-los no cotidiano das empresas e meios profissionais.

Nesse processo que muitas vezes levou séculos, também ocorreram muitas variações no que se refere à pessoa indicada e à adequabilidade daquele que o emprega, como apontado ao longo do presente trabalho. Dessa forma, verifica-se que embora não seja fácil se desvencilhar de certos traços semânticos e pragmáticos que se mantiveram por longo período, como, por exemplo, nos casos de *boku* e *anata*, a tendência geral é a de os pronomes perderem seu sentido de respeito, tornando-se neutros e até depreciativos, ou restringindo-se o emprego nos limites da intimidade, e esses fatores parecem delimitar o seu emprego.

É possível afirmar que as *formas nominais* foram adotadas e cristalizadas para complementar as lacunas formadas por esses problemas relacionados com os pronomes pessoais, que não são poucos, e daí a sua maior proporcionalidade numérica dentro do quadro das *formas de tratamento* da língua japonesa contemporânea.

Expressando fatores como relação social, hierarquia social, gênero e idade, as *formas de tratamento* da língua japonesa se apresentam como um tema inspirador para se pensar a inter-relação língua e sociedade.

Referências Bibliográficas

- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CINTRA, Luís F. L. **Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- CUNHA, C. e CINTRA, Luís F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KIKUCHI, Wataru. Pronomes Pessoais da Língua Japonesa Moderna: um panorama das teorias clássicas. **Estudos Japoneses**. São Paulo, 2006. n. 26. p. 111-127.
- KINDAICHI, Haruhiko. **Nihongo** (Língua Japonesa). Tóquio: Iwanamishoten, 1957.
- _____. **Nihongo no Tokushitsu** (As Especificidades da Língua Japonesa). Tóquio: Nihon Hôso Shuppan Kyôkai, 1981.
- KINDAICHI, Hideho. **Atarashii Nihongo no Yoshûhō** (Método de Pré-estudo do Japonês Novo). Tóquio: Kadokawa, 2003.
- KINSUI, Satoshi. Daimeishi to Ninshō (Pronomes e Pessoas). In: KITAHARA, Yasuo (org.). **Kôza Nihongo to Nihongokyôiku 4 – Nihongo no Bunpô Buntai (jô)**. Tóquio: Meijishoin, 1989.
- KOBAYASHI, Yoshiharu. **Nihon Bunpôshi** (História da Gramática Japonesa). Tóquio: Toe Shoin, 1970.
- KOJIMA, Toshio. Taijinkoshō no Rekishi (História do Designativo de Segunda Pessoa). In: TSUJIMURA, T. (org.). **Nihongo no Rekishi – Kôza Nihongo to Nihongokyôiku 10** (História da Língua Japonesa, Curso de Língua Japonesa e Ensino da Língua Japonesa, v. 10). Tóquio: Meijishoin, 1991.
- KOMATSU, Hisao; SUZUKI, Hideo (org.). **Shinmeikai Gogenjiten** (Novo Dicionário Detalhado de Etimologia). Tóquio: Sanseido, 2011.
- MIWA, Masashi. **Nihongo Ninshōshi no Fushigi – mono, koto, hito, kimi, kami** (O Mistério dos Pronomes Pessoais da Língua Japonesa: coisa, fato, pessoa, soberano e deus). Quioto: Horitsu Bunka Sha, 2010.
- NOMOTO, Kikuo. **Nihonjin to Nihongo** (Japoneses e Língua Japonesa). Tóquio: Chikumashobō, 1978.
- NIHONGO KIJUTSU BUNPÔ KENKYŪKAI. **Gendai Nihongo Bunpô 7: Dai 12bu Danwa – Dai 13bu Taigūhyōgen**. Tóquio: Kuroshio, 2009.
- OKUYAMA, Masuro (org.). **Gendai Keigo Jiten** (Dicionário das Expressões de Tratamento Contemporâneas). Tóquio: Tokyodō Shuppan, 1973.
- OZAKI, Yoshimitsu. Nihongono Danjosano Genjōto Hyōkaishiki. **Nihongogaku**. Tóquio, jun 2004. v. 23, n. 7. p. 48-55.

- ROBINSON, W. P. **Linguagem e Comportamento Social**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977.
- SAKUMA, Kanae. **Gendai Nihongono Hyôgento Gohô** (Gramática e Expressões do Japonês Contemporâneo). Tóquio: Kôseisha Kôseikan, 1966.
- SILVA, Luiz A. Tratamentos Familiares e Referenciação dos Papéis Sociais. In: PRETI, Dino (org.). **Léxico na Língua Oral e na Escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 169-194.
- SUZUKI, K.; HAYASHI, O. (org.). **Hinshibetsu Nihon Bunpô Kôza: Meishi/Daimeishi** (Curso de Gramática Japonesa: Classes – Substantivos e Pronomes). Tóquio: Meiji Shoin, 1972.
- SUZUKI, Tae. **Expressões de Tratamento da Língua Japonesa**. São Paulo: Edusp. 1995.
- SUZUKI, Takao. “Gengo to Shakai” (Língua e Sociedade). In: **Iwanami Kôza Tesugaku**. v. 11. Tóquio: Iwanamishoten, 1968.
- _____. **Kotobato Bunka** (Linguagem e Cultura). Tóquio: Iwanami Shoten, 1973.
- TSUJIMURA, Toshiki. **Keigoronkô** (Reflexões sobre a Teoria das Expressões de Tratamento). Tóquio: Meijishoin, 1992.
- TSUJIMURA, Toshiki; KAWAGISHI, K. Keigo no Rekishi (História dos Honoríficos). In: TSUJIMURA, T. (org.). **Nihongo no Rekishi – Kôza Nihongo to Nihongokyôiku 10** (História da Língua Japonesa, Curso de Língua Japonesa e Ensino da Língua Japonesa, vol. 10). Tóquio: Meijishoin, 1991.
- WATANABE, Minoru, **Nihongo Gaisetsu** (Teoria Geral do Japonês), Tóquio: Iwanami, 1996.

Dicionários

- IKEGAMI, M. et al. **Gendai Porutogarugo Jiten** (Dicionário do Português Contemporâneo). Tóquio: Hakusuisha, 1996.
- MELHORAMENTOS; ALIANÇA CULTURAL BRASIL-JAPÃO. **Michaelis: Dicionário Prático Português-Japonês**. São Paulo: 2000.

Obras consultadas

- ATODA, Takashi. **Vno Higeki** (Tragédia de “V”). Tóquio: Kodansha, 1992.
- INOUE, Yasushi. **Aru Rakujitsu** (Um pôr do sol). Tóquio: Kadokawashoten, 1989.
- _____. Ryôju. In: **Ryôjû Tôgyû** (Fuzil de caça / Tourada). Tóquio: Shincho Bunko, 1950. p. 7-68.
- _____. Hirano Shakunage. In: **Ryôjû Tôgyû** (Fuzil de caça / Tourada). Tóquio: Shincho Bunko, 1950. p. 147-188.